

IMPACTOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM FILHAS ADOLESCENTES DE MULHERES AGREDIDAS

Isadora Oliveira Rocha
(Universidade Federal de Catalão – UFCAT – Catalão – GO)
Gláucia Ribeiro Starling Diniz
(Universidade de Brasília – UnB – Brasília – DF)

Resumo

A violência doméstica afeta mais do que a mulher agredida. O objetivo da presente pesquisa feminista foi compreender se e como a violência doméstica sofrida pela mãe, influencia na vida e na saúde de sua filha adolescente. Na metodologia de pesquisa utilizada, as adolescentes preencheram um questionário demográfico e entrevistas semiestruturadas individuais com estas foram realizadas. As mães também foram entrevistadas. A hipótese de que as adolescentes sofrem múltiplos impactos por presenciarem as mães em situações de violência pode ser confirmada. As violências sofridas pelas mães repercutem diretamente nas vidas de suas filhas. Não é incomum, portanto, que as adolescentes tornem-se vítimas diretas de violência(s) neste cenário. A violência doméstica é fator determinante de adoecimento de todo núcleo familiar.

Palavras-chave: violência doméstica; impacto; adolescência; saúde mental.

Abstract

Impacts of domestic violence on teenage daughters of battered women

Domestic violence affects more than the battered woman. The objective of the present feminist research was to understand if and how the domestic violence suffered by the mother, influences the life and health of the adolescent daughter(s). As the research methodology, the adolescents filled out a demographic questionnaire and answered semi-structured interviews. Their mothers were also interviewed. The hypothesis that an adolescent does, in fact, suffer multiple impacts by witnessing mothers in situations of violence, was confirmed. Violence suffered by mothers directly affects the lives of their teenage daughters, so it is not uncommon for adolescents to become direct victims of violence in this setting. Domestic violence is a determining factor for the sickness of the entire family nucleus.

Keywords: Domestic violence; impact; adolescence; mental health.

Introdução

As várias formas de manifestações da violência doméstica constituem uma

questão grave de saúde pública. Este tipo de violência impacta em diferentes esferas nas vidas das mulheres agredidas (Bandeira, 2014). Não é incomum, contudo, que o contexto de violência doméstica se transforme em um núcleo de violência intrafamiliar. É preciso compreender o fato de que outras pessoas da família também são afetadas pela dinâmica da violência contra as mulheres no cotidiano familiar (Diniz & Angelim, 2003; Bandeira & Thurler, 2010).

Os filhos e filhas de mulheres que sofrem violências estão envolvidos/as diretamente nesta dinâmica. São, portanto, pessoas que também ocupam o lugar de vítimas diretas e/ou indiretas da violência perpetrada contra suas mães (D’Affonseca & Williams, 2011; Miranda, Paula & Bordin, 2010). As relações estabelecidas no contexto familiar são determinantes para o bem-estar de todas as pessoas envolvidas nele (Sales, 2014).

É certo que já avançamos consideravelmente em termos de pesquisas e teorias desenvolvidas quanto à violência doméstica, especialmente quanto aos impactos sofridos por mulheres vítimas desta(s) violência(s). Ao pesquisarmos sobre os impactos em filhas adolescentes por presenciarem as violências domésticas sofridas por suas mães, os resultados são escassos a nível contextualizado, nacional.

Sabemos que as pessoas são atravessadas pela história de suas famílias, “com suas sombras e fantasmas silenciosos operando efeitos na subjetivação” (Jordão, 2008, p.159). Acreditamos na relevância da presente pesquisa, devido à complexidade da violência doméstica. Falamos das vítimas deste fenômeno, no plural. São necessárias perspectivas analíticas multidisciplinares e relacionais a serem adotadas para estudar, compreender e intervir nas complexas relações construídas a partir da violência doméstica (Bandeira & Thurler, 2010). O presente artigo é um desmembramento de uma pesquisa de mestrado. Nosso interesse foi desenvolver uma pesquisa científica que compreendesse as adolescências, no plural. Nosso interesse recaiu sobre a adolescência feminina, transpassada por violências sofridas pelas mães. Nesse contexto, formulamos as seguintes questões: A violência passa a ser extensiva às filhas? Há algum nível de adoecimento mental favorecido pela vivência das violências? Como são os relacionamentos com os perpetradores (pais) e as vítimas (mães) da violência? Através da realização da pesquisa, pretendemos compreender os possíveis impactos da exposição às violências sofridas pelas mães, em adolescentes do sexo feminino.

Método

A pesquisa foi construída com base em uma metodologia feminista. No âmbito científico, pesquisas feministas visam promover reflexão e se contrapõem à visão de uma realidade homogênea característica deste meio (Matos, 2008). Os estudos feministas questionam a ideia universal de *homem*, comumente representado pelo homem branco, heterossexual, civilizado, do Primeiro Mundo (Rago, 2015).

Harding (1987) destaca que as metodologias feministas constituem uma oportunidade de possibilitar que as vozes das mulheres sejam ouvidas, ou seja, de tornar suas experiências visíveis, contadas através de suas próprias perspectivas. A história e a cultura nos mostram que silenciar ou desvalorizar sistematicamente as vozes femininas ainda é uma prática em vigência (Harding, 1987).

As participantes de nosso estudo foram adolescentes do sexo feminino, de situação socioeconômica vulnerável, filhas de mulheres e mães, cujo contexto familiar é marcado pela presença de violências. Também participaram de nosso estudo as mães, vítimas de violência doméstica, das adolescentes. O objetivo foi compreender se existem e quais são os impactos em adolescentes expostas às violências domésticas perpetradas contra suas mães. Nosso intuito foi ouvir e considerar as vozes

e vivências das adolescentes. Foram elas que contaram suas histórias.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética vinculado ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília. A pesquisa foi realizada no Núcleo de Práticas Jurídicas da UnB, localizado em Ceilândia, Distrito Federal. As mães participantes e suas filhas são frequentadoras do Projeto de Extensão e Ação Contínua “Maria da Penha - Ação e Proteção”.

Os critérios de inclusão para a participação da pesquisa foram: mães que participassem do Projeto, cujas filhas fossem adolescentes e houvessem presenciado algum episódio de violência em seus lares. Definimos a participação das mães como essencial. Foram elas quem levaram os convites às suas filhas para participarem da pesquisa.

Quatro famílias atenderam aos critérios de inclusão, entretanto, apenas duas famílias optaram por participar da pesquisa. Utilizamos nomes fictícios para discorrer sobre todas/os as pessoas envolvidas/os no contexto familiar das participantes. Todas as questões referentes à participação foram elucidadas através da leitura em conjunto do Termo de Assentimento para as jovens participantes e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para suas mães. Os instrumentos de coleta de dados utilizados

foram: um questionário sociodemográfico respondido pelas adolescentes e duas entrevistas semiestruturadas, realizada de maneira individual com cada uma das participantes. Uma entrevista foi direcionada às mães e outra às adolescentes.

As entrevistas semiestruturadas de todas as participantes - filhas e mães - foram construídas com o intuito de não afastá-las de sua realidade. Justificamos esta postura, devido ao fato de que a pesquisa feminista visa compreender a pessoa por meio de seu mundo social (Wilkinson, 1998). As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

A pesquisa foi composta por um estudo de casos múltiplos, desenvolvida com base na proposta de Yin (2010). As entrevistas foram analisadas com base no método de análise de conteúdo de Bardin (2009).

Os dados das entrevistas passaram pelo processo de categorização, assim como Bardin (2009) indica. Foi realizada a leitura flutuante de todo o material das transcrições das entrevistas. Após a leitura, formulamos hipóteses quanto ao processo de categorização dos conteúdos das entrevistas, a partir da similaridade de conceitos. No momento final da análise dos dados, preparamos o material e elaboramos as categorias que compõem o presente artigo.

Resultados e Discussão

Utilizaremos as falas das adolescentes e de suas mães para discorrer sobre as vivências de cada adolescente, porque acreditamos que são complementares. Algumas informações dadas pelas participantes da mesma família são contrastantes ou se completam. Acreditamos que esta é uma característica importante das participantes e de suas histórias de vida, assim como de seus relacionamentos (*mãe-filha*).

As respostas das adolescentes ao questionário demográfico serão os primeiros dados que apresentaremos neste artigo de pesquisa. A primeira adolescente entrevistada, Larissa, tem quatorze (14) anos. Larissa se identifica como “morena”. É católica, nascida em Parnaíba, no Piauí, cidade em que morou até os oito (8) anos de idade, até decidir mudar para a casa da mãe, no Distrito Federal. Está cursando o nono ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública em Ceilândia, Região Administrativa do Distrito Federal.

Amanda, a segunda adolescente, tem doze (12) anos, se identifica como “branca” e também é católica. É estudante do oitavo ano do Ensino Fundamental em uma escola pública em Taguatinga. Nasceu em Brasília e mora na mesma Região Administrativa do Distrito Federal em que estuda, Taguatinga.

O questionário demográfico também englobou perguntas relativas a várias dimensões da vida: namoro, filhas/os, trabalho remunerado e a renda familiar em salários mínimos. Todos os itens tiveram resposta negativa das adolescentes. A dimensão financeira constituiu o único tópico que as adolescentes não souberam responder.

Um objetivo importante da pesquisa foi acessar a autoavaliação das participantes acerca de sua saúde física e mental através do questionário demográfico e, posteriormente, da entrevista (Medeiros, 2010). As perguntas formuladas tiveram relação com a assistência médica e psicológica que as adolescentes já receberam em algum momento de suas vidas.

As adolescentes informaram que não recorrem com frequência à assistência médica e/ou serviços de saúde. Assinalaram a opção “nunca” quanto à rede privada (hospitais particulares). Em relação às consultas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) ocorrem “raramente”, segundo as participantes. Apenas a adolescente Larissa assinalou a opção “às vezes”, quanto aos cuidados à sua saúde a partir da rede conveniada (plano de saúde).

A assistência psicológica é um serviço que nem sempre está disponível para pessoas que vivem em contextos de vulnerabilidade social. Larissa afirmou que

nunca consultou com algum/a profissional da Psicologia ou da Psiquiatria. Amanda por outro lado, já recorreu à psicoterapia. Ao ser perguntada quanto ao uso de medicação psiquiátrica, Amanda respondeu afirmativamente, enquanto Larissa afirmou não ter feito uso desse tipo de medicação. Amanda justificou o uso, devido “às brigas e também por causa da falta de atenção”. A adolescente fez referência aos conflitos entre a mãe e o pai.

O questionário demográfico é finalizado com uma questão sobre a maneira como as adolescentes têm se sentido emocionalmente nos últimos dias. São destacadas oito condições emocionais e as adolescentes precisam assinalar uma única opção, a qual elas se identificam. As condições emocionais são: “excelente, nunca estive melhor”, “muito bem”, “bem”, “mais para melhor do que para pior”, “mais para pior do que para melhor”, “mal”, “muito mal” e “péssima, nunca estive pior”. Larissa assinalou “mal” e Amanda assinalou “bem”.

A amostra de nossa pesquisa é pequena. Foi composta por duas adolescentes e contou com a participação complementar de suas mães, ou seja, tivemos apenas duas famílias participantes na pesquisa. A partir das entrevistas e das respostas aos questionários demográficos, percebemos que são duas adolescentes que

vivem realidades que não são significativamente diferentes.

*Impactos das violências nas adolescentes:
relacionamentos e saúde mental/global*

A análise dos dados coletados nos permitiu levantar os principais impactos da presença de violências nas vidas das adolescentes participantes da pesquisa. Consideramos por “impactos”, acontecimentos e/ou comportamentos que não eram usuais e que passaram a acontecer depois que as violências se tornaram cotidianas em suas famílias.

Optamos por dividir os impactos em dois grupos: 1. Nos relacionamentos; 2. Na saúde física e mental das adolescentes. É possível, deste modo, não apenas indicar todos os elementos que compõem cada um dos grupos, mas também estabelecer relações entre eles e as vivências das adolescentes.

Os impactos nos relacionamentos das adolescentes, são tratados a partir da perspectiva de: 1) relacionamento com o pai/padrasto; 2) relacionamento com mãe e 3) relacionamento de amizade e contexto escolar. Os impactos na saúde mental/global são vistos sob a perspectiva do funcionamento fisiológico e psíquico.

As adolescentes apresentaram muitas experiências em comum. Este dado apresenta relevância para nossa pesquisa.

Devido a este fato, não iremos separar os relatos das participantes, e sim, agrupá-los. Apresentaremos a seguir todos estes resultados e discussão teórica pautada na literatura da área.

Relacionamento com o Pai/Padrasto

Um dos principais aspectos que chama atenção nas entrevistas das adolescentes é o relacionamento delas com o pai/padrasto. É uma relação de carinho, mesmo ele sendo o perpetrador da(s) violência(s) naquele lar.

As falas de ambas as adolescentes deixaram evidente que, por mais que exista o sentimento de revolta manifestado por elas, ambas também demonstram o sentimento de confusão por gostar do pai/padrasto. Este fato fica elucidado através da própria fala, como é o caso de Larissa, ou através da percepção materna, situação de Amanda.

Larissa indica que a relação com o padrasto “de uns tempos pra cá vem sendo bem difícil, a relação não tá sendo boa não”. Em contraste, a adolescente afirma que “não tem nem como eu não gostar do meu padrasto, eu gosto dele um pouco. Porque foi cinco anos de vivência”. Segundo a adolescente: “antes dele envolver com as mulheres, a gente saía, eu, minha mãe, o filho dele, nós quatro, pro parque, comer pizza, pra piscina”.

A adolescente afirma: “Não tem como (...) eu não tenho o que perdoar, quem tem que perdoar é Deus (...) esquecer não porque isso vai ficar sempre aqui na minha cabeça”. Larissa tem algumas das brigas de sua mãe com seu padrasto gravadas em um áudio do celular. A adolescente escuta, segundo ela, “de vez em quando” e relata sentir tristeza.

O relato de Amanda, reflete um pai presente e violento durante a sua infância. Amanda lembra de alguns episódios positivos entre ela e sua família - irmã, mãe e pai. A adolescente cita como exemplo, passeios e viagens, mas, em comparação, os episódios de violências são relatados com mais frequência em sua entrevista.

A adolescente não forneceu detalhes sobre o seu relacionamento com seu pai nos dias atuais. A mãe de Amanda, em contraste, foi quem iluminou estas questões. Márcia informou que após os anos vividos em meio às agressões, quando ela decidiu “por fim no casamento”, ela e Cléber divorciaram de maneira consensual e com a guarda compartilhada das filhas. No início, Márcia lembra que era “tudo bem tranquilo”. Com o passar do tempo, Cléber passou a não aceitar o fim do relacionamento. Cléber passou a mostrar sua não aceitação através de novas agressões contra Márcia: “começou a impor quem ele era, pegava elas e não devolvia, queria entrar (*em casa*) e eu não deixava”.

Em sua entrevista, a mãe de Amanda informou que suas filhas não veem o pai há mais de um ano, tempo que corresponde ao período em que Cléber está cumprindo sentença prisional. Nesse contexto, o contato que Amanda tem com seu pai acontece através de cartas. Márcia acredita que Amanda é a filha que mais sofre pela distância do pai. Ela explica o porque:

(...) o que mais me dói nela, na Amanda é que assim, ela fica dividida. Ela tem muito medo de expressar, de falar no nome dele e me magoar e me fazer sofrer. Então assim, ela não comenta, ela não gosta de falar dele, ela não quer ver ele. E eu sinto que ela não quer não é porque não gosta. É porque ela acha que vai me magoar, vai me machucar, ela acha que vai ferir de alguma maneira se ela falar “eu amo meu pai, eu gosto do meu pai”. Eu vejo que ela é muito dividida, que ela me quer e quer ele e acha que se ela quiser ele, ela, porque ela presenciou a violência, ela vai estar sendo infiel comigo.

Estudos provenientes da Psicologia demarcam que o papel do pai é fundamental no psiquismo e no desenvolvimento infantil, assim como em outras etapas da vida (Benczik, 2011). A paternidade é construída através de uma relação

transgeracional do homem-pai com a filha, de acordo com Thurler (2009), consiste-se em uma relação de identificação.

A vivência de Larissa com seu padrasto foi construída em um período de cinco anos. Perpassou, portanto, desde os últimos anos da infância até os primeiros da adolescência. Roberto desempenhou o papel paterno em um período considerável da vida de Larissa.

Amanda, por outro lado, tem no pai a figura de um “herói”, segundo Márcia:

Eles fizeram várias viagens juntos depois da separação e é tudo vivo na memória dela (...) Ela tinha uma rotina com ele; a guarda com ela realmente foi compartilhada. Ela tanto ficava comigo quanto com ele (...) ela falava “então vou ficar lá uma semana com ele” e ficava. Ele levava e buscava na escola, então assim (...) mesmo ele brigando, mesmo ele sendo violento, ela via, mas dois três dias depois ele era o pai dela (...).

O fato é que mesmo vivendo em contextos marcados pela presença de violências, ambas as adolescentes tiveram uma pessoa que realizou a função paterna em suas vidas, em um núcleo familiar complexo e turbulento. Nas entrevistas foi relatado pelas adolescentes o fato de que receberam cuidado, apoio econômico e

presença deste pai/padrasto em seu cotidiano.

É importante ressaltar que a construção da paternidade não se resume à relação de um pai com a/o filha/o. A paternidade, de acordo com Thurler (2009) é “duplamente relacional”, envolve, portanto, a relação paterno-filial e também a relação com a mulher-mãe (p. 56). A violência entre pai-mãe é um elemento que desempenha grande relevância, portanto, no modo de considerar a relação paterna-filial.

A relação paterna é considerada um “processo social de um vínculo a ser continuamente construído e reconstruído” (Thurler, 2009, p.56). Cabe destacar a relevância do contexto histórico. A “confusão” de sentimentos das adolescentes em relação às suas figuras paternas pode ser justificada através do resgate histórico de suas vivências. O fato é que são consideradas as violências que suas mães sofreram, mas os “bons momentos” com os pais não são completamente descartados pelas adolescentes. Ao mesmo tempo em que são agressores, são seus pais.

Relacionamento com a Mãe

As jovens demonstraram nas entrevistas o sentimento de responsabilidade pela vida de suas mães. Este elemento é presente nas falas de ambas

as participantes adolescentes e chamou a nossa atenção.

A proteção voltada à mãe é expressa por Larissa ao afirmar que, em se tratando de relacionamentos com outras pessoas “não mexendo com minha mãe sou super de boa”. Ao fazer referência sobre o relacionamento que tem atualmente com a mãe, Larissa afirma se sentir “sobrecarregada” e “responsável” pela mãe:

Porque além *deu* cuidar da minha mãe, eu tipo, cuido da saúde dela. Quando ela *tá* com cólica ou dor de cabeça ou se sentindo mal, quem percebe é só eu. Porque ela não fala, ela não fala que *tá* doendo, que *tá* com cólica, ela guarda tudo pra ela (...) E ela não fala. Eu percebo sozinha.

Amanda define que sua “felicidade é a felicidade” de sua mãe e de sua irmã. Amanda afirma ainda que ela se preocupa com a mãe nas situações do dia-a-dia. “Eu tento ajudar ao máximo (...). Quando ela fica triste eu fico do lado dela até ela melhorar (...) agora sou responsável, *tô* cuidando mais da minha mãe do que minha mãe cuidando de mim”, conclui a adolescente.

Ambas as adolescentes discorrem sobre o “medo” em suas entrevistas. Uma hipótese é que a atenção e o cuidado com as mães decorrem dos medos que elas

relataram sentir, nas várias vezes que as mães foram vítimas de violência doméstica. Medo em perder suas mães. Medo das figuras paternas. Atualmente, as filhas demonstram se sentir responsáveis tanto pela vida, quanto pelo bem-estar de suas mães.

As mães demonstraram preocupação quanto ao comportamento de proteção excessivo das filhas. As duas mães relataram perceber o investimento das meninas e o quanto isto ocupa as vidas delas. Não havia nenhuma pergunta na entrevista que abordasse essa questão com as mães. As informações dadas pelas mães foram espontâneas.

Há a preocupação por parte das mães, que suas filhas adoçam em decorrência deste comportamento. Márcia aponta: “Porque tudo ela percebe, às vezes eu *tô* assim e ela ‘mãe o que foi, quer alguma coisa?’ Eu já não posso nem pensar mais, porque se eu pensar ela acha que eu *tô*... que ela tem que me acolher”. Ao lembrar de um episódio de violência, Andreia demonstra como Larissa se comporta em relação à ela: “ele me convidou pra ir dormir no quarto e ela ouviu. E ela não queria, não quis de jeito nenhum. Ela ficou no sofá até eu dormir. Não deixou”.

É importante destacar também um paradoxo presente nos relacionamentos das mães com suas filhas, observado em dois

períodos distintos. É possível fazer uma comparação entre eles. Durante as fases que ocorriam as violências, as adolescentes queixaram que suas mães eram distantes delas. Larissa indica: “Ela fazia tudo que ele pedia, ela não tinha tempo pra mim”. A adolescente Amanda afirma: “A gente quase não se falava, porque ela não ficava parada um segundo”.

Atualmente, as mães das adolescentes vivem momentos diferentes em relação às violências. Andreia está em processo de separação do atual marido-agressor e Márcia encontra-se separada há dois anos. Os apontamentos das adolescentes quanto ao relacionamento atual com suas mães é diferente: são relacionamentos positivos, de proximidade e proteção.

Amanda afirma que: “Agora todo dia eu amanheço, dou *bença* pra ela, eu vou, eu já vou direto assim nem acordando direito e falo ‘*bença* mãe’, parecendo que vou desmaiar na sala de tanto sono.” Indica também: “Antigamente ela sequer não fazia brincadeira comigo, hoje ela brinca comigo”. A mãe de Amanda também nota esta mudança no relacionamento com sua filha. Márcia relata:

Eu assim, eu mudei muito eu já não me reconheço mais. Eu já nem sei assim, não me ligo mais em data, já não... perdi assim aquele foco, porque são

muito traumas. Só que ela percebeu que ela pode me ajudar. E ela me ajuda. Então ela é o tempo inteiro “mãe tem mais alguma coisa que eu posso fazer? Tem mais alguma coisa pra *mim* fazer” o tempo inteiro, o tempo inteiro. Eu tô almoçando e ela “quer que eu leve seu prato?”.

Larissa define o relacionamento com a mãe como “bom, porque eu protegia muito ela. Ainda protejo. Prefiro, é, se ele for bater nela, eu prefiro apanhar no lugar dela do que ela apanhar”. Ao lembrar dos episódios de violência que presenciou, afirma:

Depois que aconteceu isso, eu tô bem do lado dela (...) eu e ela estamos bem próximas. Porque ela sabe do que eu sou capaz por ela agora, depois que eu falei pra ela que se acontecesse alguma coisa com ela eu ia tacar a garrafa na cabeça dele (...).

Seron, Prette e Milani (2011) apontam em sua pesquisa a identificação de adolescentes do gênero feminino com suas mães. A relação entre mãe-filha é definida pelas autoras como “particular” (Seron, Prette & Milani, 2011, p. 158). A construção da identidade de meninas adolescentes apresenta influências decorrentes da relação entre mãe e filha

(Seron, Prette & Milani, 2011).

Ao considerar o cenário de violência doméstica e todo o contexto familiar, a relação das mães com as filhas merece atenção e pesquisa. Filhas e mães relataram o adoecimento mental em razão do contexto de violências. Elas são impactadas pelas vivências de violências. Esse processo afeta o modo que elas relacionam entre si.

Atualmente as adolescentes e as mães afirmam possuir proximidade e união na relação mãe-filha e filha-mãe. A resiliência das adolescentes e de suas mães aparece como elemento importante nesta relação. Trata-se de um elemento a ser considerado em ambas as mães e filhas. É possível perceber um considerável movimento de resiliência familiar. Tal processo é fundamental e as auxilia a sobreviver e superar as situações adversas que enfrentam/enfrentaram – as violências (Rooke & Pereira-Silva, 2012).

Relacionamento de Amizade e Contexto Escolar

O modo de se relacionar com outras pessoas além daquelas envolvidas no núcleo familiar, também é um aspecto que apresenta relação com as violências na vida das adolescentes. O relacionamento de amizade das adolescentes sofre impactos

devido ao meio familiar violento que elas vivem/viveram, segundo as participantes. O ambiente escolar também será considerado neste tópico.

A participante Larissa demonstrou sofrer em menor escala os impactos nas amizades e no dia-a-dia escolar do que Amanda. Larissa e sua mãe afirmaram que o desempenho escolar da adolescente é bom. Segundo Larissa: “*Os professor me elogia muito, diz que eu sou muito focada nos meus estudos. Mesmo que tem problema em casa, sempre sou focada nos meus estudos e tiro notas boas, graças a Deus*”.

Larissa conseguiu manter os círculos de amizade, mas apenas no ambiente escolar. Atualmente a adolescente se mudou da casa que morava com o padrasto e sua mãe e está morando com uma vizinha. Quando perguntada se há o costume de levar amigos em casa, a adolescente afirma: “*Não porque agora eu não tô tendo casa (...). Então vejo meus amigos mais na escola, de vez em quando vou na casa deles, só*”.

Nos períodos em que ocorriam as violências no dia-a-dia familiar de Amanda, a participante relatou que optava por não levar amigos em sua casa. A decisão da adolescente foi tomada em razão do medo que ela sentia, em as violências ocorrerem a qualquer momento. Amanda indica: “*Não, nunca, eu nunca sequer, falava, não tinha*

costume de levar amigo, primo”.

Márcia ressalta que a filha teve de mudar muitas vezes de escola. Márcia deu entrada em determinado processo na justiça contra Cléber devido às agressões, seguindo a Lei Maria da Penha. Este fato fez com que Amanda ficasse até dois meses sem ir às aulas. O desempenho acadêmico de Amanda atualmente é ruim e as amizades de Amanda são virtuais (“não sei se ela te contou, mas ela não tem um vínculo de amizade muito grande”, diz Márcia). Segundo Márcia a filha “sofreu muito” no ambiente escolar em relação à (falta de) amizade, e em decorrência das violências que presenciou:

(...) ela me passou um susto muito grande antes. Um dia eu peguei ela chorando na escola. Ela falou assim que não queria estudar que lá atrapalhava a vida da professora. Porque ela, né, passou por um período, como a gente saiu do abrigo, aí não tinha vaga, aí ela sofreu *bullying*, aí sofreu demais... fez xixi na roupa os meninos tudo viu, acabou a vida dela. Aí eu tirei ela da escola, acionaram o conselho tutelar e aí virou aquela confusão na nossa vida.

Amanda reiterou em sua entrevista o fato de não possuir muitos amigos. Ao ser perguntada se acredita ter sofrido *bullying* devido o relacionamento dos pais, a

adolescente respondeu afirmativamente.

Tinha um menino, que me atormentou tanto que eu tava perdendo minha paciência. Aí eu comecei a querer parar de ir pra escola por causa desse menino, porque pra mim ele estava me destruindo aos poucos tirando um pedaço de mim.

Dificuldades no ambiente escolar são comuns em adolescentes que vivenciam violências em suas casas. A pesquisa de Lohman, Neppl, Senia e Schofield (2013) aponta que adolescentes que vivem em contexto marcado pela presença de violências apresentam baixo desempenho acadêmico. Este dado corrobora com a vivência atual de Amanda.

O relacionamento de amizade também é uma temática explorada em algumas pesquisas sobre adolescentes expostos à violência doméstica entre os pais (Lohman et al, 2013; Mustanoja et al, 2011). É possível que adolescentes que vivem neste contexto, se tornem vítimas de *bullying* e tenham dificuldade em estabelecer vínculos de amizade, assim como romper com processos de vitimização (Mustanoja et al, 2011).

As entrevistas de Amanda e Márcia iluminam o fato de que a atenção dada pela mãe ao sofrimento da filha, quanto ao

cotidiano escolar e dificuldades relacionais foi de extrema importância. Mais uma vez, o relacionamento “mãe-filha” é considerado como um elemento importante na pesquisa. É importante reforçar este dado.

A adolescente relata que quando tem algum problema, recorre à sua mãe - “eu falo pra minha mãe, ela sabe”. Amanda parece ter rompido com a vitimação, de acordo com a percepção atual tanto de Márcia quanto da própria Amanda. Segundo Amanda: “ano passado quando eu tava no sexto ano eu ainda não tava forte pra conseguir me defender”. O enfrentamento de Márcia em relação aos problemas escolares e relacionais da filha, decorrente das violências é percebido da seguinte maneira, de acordo com a mãe:

Eu falei pra ela se você não sofrer, eu não soffro. Se você não chorar, eu não choro. Se eu ver que você tá alegre, eu vou ficar alegre. Porque minha felicidade depende da sua felicidade. Então ela assim... Acabou. Fala mais, melhorou. Não sei se ela te falou que no primeiro bimestre ela reprovou em todas, não sei se ela te falou. Só que agora ela já mudou, ela falou “vou fazer meus dever”. Ela já chega em casa, tira a roupa e fala “mãe eu já vou fazer meus dever”.

Através da fala de Márcia, nota-se, mais uma vez, a possível melhora de Amanda em decorrência da presença da mãe (“se você não sofrer, eu não soffro”). A família é um fator de proteção essencial neste contexto. O meio familiar pode facilitar e fazer com que sentimentos de aceitação à vitimização sejam desenvolvidos nas/os adolescentes. Ao mesmo tempo, a família também exerce papel único, pois auxilia as/os adolescentes a desenvolverem “mecanismos de enfrentamento para lidar com o processo de vitimização”, fato este observado nos exemplos citados por Amanda e Márcia (Oliveira, Silva, Yoshinaga & Silva, 2011, p. 127).

Os Impactos das Violências na Saúde Mental/Global

Para além dos seus relacionamentos, os impactos também afetaram a saúde global das adolescentes. Nas entrevistas, as mães das jovens apontaram os sofrimentos que percebem na vida de suas filhas, assim como as próprias adolescentes relataram sentimentos e diferenças que notaram e passaram a enfrentar, após o período das violências.

O sentimento de “medo” é comum às duas adolescentes. O medo é, portanto, uma das repercussões das violências na saúde mental das jovens participantes da

pesquisa. Ambas mencionaram o medo do pai/padrasto em fazer algo contra elas ou contra suas mães. Há o medo de a mãe ser machucada novamente pelo pai/padrasto.

A exposição à violência favorece o desenvolvimento do medo em filhas/os que veem os pais em situações de violências (Georgsson, Almqvist & Broberg, 2011). A literatura indica que os limites das violências entre seus responsáveis são desconhecidos pelas filhas (Georgsson, Almqvist & Broberg, 2011). Devido a este fato, o medo passa a ser compreensível devido a possibilidade de atos violentos voltarem a acontecer, de modo repentino.

Ao discorrer sobre a relação atual de seu padrasto com sua mãe, Larissa descreve sentir “Medo. Porque se ele não for capaz de matar, ele manda matar”. Amanda, por sua vez, ao falar sobre a separação entre seus pais e a dificuldade do pai aceitar a situação, ressalta: “Minha mãe não ia voltar e eu fiquei com medo dele agredir ela mais ainda.”.

Nas entrevistas, desenvolvemos uma seção destinada para que as adolescentes avaliassem a sua saúde. A avaliação seria realizada, de acordo com as consequências que as adolescentes perceberam em suas vidas, a partir do contexto das violências perpetradas contra suas mães. Foi pedido que as adolescentes descrevessem a sua condição de saúde ao longo da vida e, que depois, fizessem um

paralelo com a condição de saúde atual, após as violências.

Amanda relembra: “No começo quando eles brigavam, antes de separar, era muito ruim. Quando eles separaram eu comecei a ficar mais feliz”. Amanda destaca que ficava “muito triste. Naquela época um pouco eu fiquei, tipo, não tinha vontade de fazer dever de casa, vontade de fazer nada (...)”. Larissa, por sua vez, acredita que as violências afetaram a sua saúde, porque “eu nunca pensei na minha vida que eu ia passar por isso. Nunca passei por isso quando eu vivia com minha avó no Piauí. Aí eu vim pra cá pensando que ia melhorar e foi é piorar”. O adoecimento mental é uma característica presente nas duas adolescentes. É relatado tanto pelas mães quanto pelas próprias jovens. Ao fazermos o convite para participar da pesquisa, a mãe de Larissa quis que a filha participasse porque “minha filha está desmaiando muito”. Durante a entrevista, quando pedida para que avaliasse a saúde da filha após as violências, Andreia indicou: “ela desmaia do nada. Tá ruim pra ela”.

Em sua entrevista, Larissa relatou sobre os desmaios: “se eu ficar muito nervosa eu tenho problema de pressão, minha pressão abaixa e eu desmaio (...) já desmaiei muitas vezes”. Ao explicar em que situação desmaiou, Larissa indicou: “Ah, quando ele (*o padrasto*) levantou minha mãe no pescoço, eu caí e bati a cabeça. Aí

sangrou não muito, mas sangrou. Teve que dar *dois ponto*, foi tipo na quina, não foi muito fundo”. Larissa também relembra: “Antigamente eu não sentia dor de cabeça, aí quando vai passando essas coisas que vai passando na minha cabeça dá uma pontada que dá vontade de bater minha cabeça na parede até a dor passar”.

Em nossa pesquisa não foi aplicado nenhum instrumento com o intuito de identificar se as adolescentes apresentam alguma psicopatologia ou traços de algum transtorno psicológico. O objetivo foi que as adolescentes tivessem a oportunidade em contar suas próprias histórias, a partir de seus olhares.

Cabe salientar, entretanto, que a partir da revisão de literatura realizada, foi possível acessar um número considerável de pesquisas que indicam a relação entre exposição à violência doméstica das mães e o desenvolvimento de psicopatologias em filhas/os. A depressão, o transtorno de estresse pós-traumático e a ansiedade são os quadros psicopatológicos mais comuns, observados em adolescentes expostas/os as violências sofridas diretamente por suas mães (Cascardi, 2016; Magalhães et al, 2017; Schiff et al, 2014).

É possível detectar certa variedade de sintomas relacionados com estes transtornos nas falas das adolescentes. Elas deram exemplos importantes ao mencionarem fatores como: o isolamento

social, o baixo desempenho escolar, a instabilidade emocional, sintomas psicossomáticos, entre outros.

É fato que as duas adolescentes que participaram da pesquisa estão vivenciando atualmente algum nível de sofrimento/adoecimento mental. Não descartamos que as adolescentes possam ter desenvolvido algum transtorno psicológico, devido às violências. A violência conjugal entre a figura materna e paterna, para adolescentes, é considerada como um evento traumático. Adolescentes que vivenciam o convívio familiar transpassado pela violência são mais propensas/os a desenvolverem algum transtorno mental (Benetti et al, 2010).

Ao fazer uma avaliação sobre como elas se sentiam e se comportavam durante os períodos das agressões, as adolescentes relataram a presença de sofrimentos. Larissa afirmou que “(...) tipo, eu era muito alegre, mas agora eu sou alegre e ao mesmo tempo fechada. Eu não sou a mesma pessoa de quando eu cheguei em Brasília”. Ao ser perguntada se ela se considera triste, Larissa responde: “Um pouco, quando eu paro pra pensar, quando vejo minha mãe triste... sim”.

Amanda, ao fazer o mesmo resgate, afirma que os acontecimentos a afetaram:

Um pouco no estado emocional (...). Eu ficava muito triste por motivo bobo,

porque como eu passei muito momento triste, qualquer motivo bobo eu ficava triste. Podia ser o motivo mais bobo do mundo, mais idiota do mundo e eu ficava triste.

Ambas as adolescentes apresentaram mudanças na rotina de sono e na alimentação. A literatura aponta que os hábitos alimentares alterados e baixa qualidade do sono são indicativos de estresse. A presença desses fatores pode caracterizar sintomas de múltiplos quadros psicopatológicos (Cunha & Borges, 2013).

Quanto ao sono, Larissa afirma: “Eu não durmo mais como eu dormia. Eu durmo pouco, acordo (...) eu não durmo, depois que aconteceu essas coisas todinhas eu não to dormindo bem”. A mãe de Amanda chega a definir como “insônia” os problemas de Amanda. Amanda revela que, desde as violências, começou a tomar “remédio para dormir”. A adolescente relembra: “eu tava tendo muita insônia, eu não tava conseguindo dormir”.

Em relação à alimentação, Larissa relata não ter tido problemas neste sentido. A mãe de Larissa, por outro lado, afirma que quando as violências começaram a intensificar, a adolescente mudou os hábitos alimentares e atualmente não come muito. Já Amanda, ao lembrar dos momentos das violências destaca:

É realmente eu quase não comia. Minha comida favorita é macarrão, às vezes eu ficava com o *galfo* brincando com a comida, porque eu não tinha vontade de comer. Eu ficava lá só vendo o prato de comida, aí a comida esfriava e eu não comia. Eu passava o dia todo com a cabeça enfiada debaixo de um travesseiro.

A violência conjugal é complexa. É possível que dê lugar a um ambiente generalizado de violência intrafamiliar. A violência passa a ser extensiva as/aos filhas/os do casal (Bandeira & Thurler, 2010; Diniz & Angelim, 2003). O fato é que as violências podem ser manifestadas contra as/os filhas/os de maneira indireta ou direta.

Amanda não considera ter vivido nenhum episódio de violência com seu pai. Larissa, por outro lado, considera que o padrasto praticou “violência física” e “como ele falar que ia beijar na minha boca, essas coisas”. Durante a entrevista, Larissa denunciou as tentativas de seu padrasto, em cometer violência sexual contra ela. A adolescente contou em detalhes os assédios cometidos pelo padrasto, assim como nomeou os atos como violências. A presença de comportamentos sexuais abusivos contra crianças e adolescentes em lares transpassados pela violência, não é incomum (Diniz & Angelim, 2003;

Lordello & Costa, 2013).

Ao serem perguntadas se durante os períodos de violências elas sentiram alguma vontade de não viver mais, ambas as adolescentes relataram ideação suicida. As violências conjugais entre os pais constituem fatores de risco que predisõem à presença de ideações suicidas em filhas/os expostos a tais violências (Magalhães et al, 2017; Turner, Filkelhor, Shattuck, Hamby, 2013).

Amanda afirmou que pensou em suicídio: “*Aham*, às vezes. Porque eu ficava muito triste. Ficava me perguntando por que entre milhões de pessoas Deus tinha me escolhido pra viver aquilo”. A adolescente indicou enfaticamente que não havia tentado se ferir ou tirar a sua vida. A mãe da adolescente, entretanto, acrescenta informações ao que aconteceu. Em uma das conversas entre Amanda e um amigo virtual, Márcia leu:

(...) ela falou (...) que a vida dela é péssima, e que todo mundo que gosta dela acaba sofrendo, que ela é um peso, e falou que não aguenta me ver sofrendo, chorando. Aí ele percebeu né?! Porque ela apagou muita conversa, a parte dela ela apagou muitos trechos e o que eu consegui restaurar ele perguntou “você vai cometer suicídio?” ela falou alguma coisa, a parte dela apagou, só ficou a parte do *amigo*, ele

falou “você vai cometer suicídio?” ela falou assim “a minha decisão tá tomada”.

Ao ser perguntada se abordou sobre este assunto com a filha, Márcia relembra:

Perguntei, mas eu chorei muito. Chorei muito pra ter coragem e pra abordar ela, eu já abordei assim falando que amava ela (...) até chegar ao ponto de perguntar. E eu perguntei e ela falou que pensou mesmo, ela falou “mãe eu penso assim, se eu morrer vai ficar mais fácil pra senhora, porque vai ser só a senhora e a minha irmã” Mas aí, é muito difícil! (...) E aí, eu moro num prédio no quarto andar. E a tela foi cortada, um, só um e ninguém assume. Ela não assume, a irmã não assume, mas assim com esse histórico pode ter sido num momento de... né?!

Ao contrário de Amanda, a adolescente Larissa relatou como planejou e tentou suicídio: Sim, eu já tomei, eu já tentei me matar por causa de uns remédios. Fui na farmácia e pedi um remédio pra dormir. Aí eu pedi assim, o homem falou assim “caso seja pra você”, até estranhei porque ele falou isso “caso seja pra você, você se você tomar três é pra ter cuidado, você pode morrer”, mas aí eu falei assim “é pra minha mãe” (...). Aí eu tomei

os três remédios. Minha mãe foi me acordar pra eu ir pra escola, aí eu não mexia, *tava gelada*. Ela chamou logo a ambulância, chamou a ambulância e eu fui parar no hospital. Eu só não morri, porque o último comprimido que eu tomei não foi junto com os outros, ficou engasgado aqui (*aponta para a garganta*). Aí foi só por isso que eu não morri.

Larissa foi questionada se tentou suicídio em razão das violências que sua mãe estava sofrendo e ela respondeu afirmativamente - “foi por causa da violência mesmo”. “Da sua violência ou da violência de sua mãe?”, foi perguntado, ao retomar a revelação de Larissa de que ela estava sofrendo assédios por seu padrasto. A adolescente respondeu: “foi tudo misturado”. A literatura indica que crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual são propensas/os a apresentarem ideações suicidas (Braga & Dell’Aglia, 2013; Turner et al, 2013). Aventamos, por fim, a possibilidade de Larissa sair de sua casa e ir morar em outro lugar. Nesse contexto a adolescente relatou: “ano passado eu fugi de casa”. Ela relembra que não passou mais de um dia longe de casa. O que motivou a sua decisão foi: “porque assim, minha mãe não confiava em mim”. Aí eu falei, ‘ela não confia em mim, eu não saio sozinha, ela não vai importar se eu sair’. Aí eu tava me sentindo um nada, falei ‘vou sair e vou parar

pra pensar”’.

É importante contextualizar que Larissa mencionou a fuga de casa logo após ter falado sobre a tentativa de estupro de seu padrasto e a sua própria tentativa de suicídio. Em mais de um momento na entrevista, Larissa se considerou “sobrecarregada”.

Considerações Finais

A presente pesquisa pretendeu discutir dimensões da vivência da adolescência feminina, marcada pela convivência com experiências de violências vividas por suas mães. A inclusão de uma perspectiva de gênero constituiu uma dimensão importante, desde o momento que consideramos a adolescência feminina diferente da masculina.

A partir da revisão de literatura realizada, identificamos múltiplos estudos que apontaram que adolescentes do sexo feminino vivenciam as violências conjugais entre seus pais, de maneira diferente de adolescentes do sexo masculino (Cascardi, 2016; Santos & Moré, 2011; Schiff et al, 2014). Tais pesquisas apontam inclusive que meninas tendem a sofrer mais impactos na saúde e na vida, se comparadas com meninos.

A análise dos resultados da pesquisa, em conjunto com a literatura

multidisciplinar disponível sobre violência doméstica, possibilitou que as interações existentes entre gênero, violência e saúde mental fossem destacadas. Toda pesquisa é pautada em sua relevância social. O fato é que identificamos poucas pesquisas na literatura brasileira ou internacional que lidam com temática semelhante.

A presente pesquisa pretendeu oferecer mais um instrumento de reflexão crítica acerca das violências contra as mulheres. Apontou, em especial, os impactos das violências perpetradas contra as mães, na construção das identidades de filhas adolescentes que presenciam essas manifestações de violências em seu cotidiano de vida e são marcadas por elas.

É possível destacar também, o fato de que as adolescentes não são apenas vítimas indiretas das violências que elas presenciaram contra as suas mães. As adolescentes tornaram-se vítimas diretas de violências no contexto familiar, pelo mesmo agressor de suas mães. As histórias e relações familiares construídas e relatadas na presente pesquisa são percebidas como fator de adoecimento para as mães e também para as filhas.

A força do fenômeno “violência de gênero” ou “violência contra as mulheres” deixa evidente a guerra cotidiana em vigência contra mulheres de todas as etnias, crenças, idades, orientação sexual, classes sociais, condições econômicas e

nacionalidades (Bandeira & Thurler, 2010). Relacionar a saúde mental de mulheres de diferentes idades com questões de gênero é, portanto, tarefa essencial.

Duas mulheres em situação de violência e suas filhas adolescentes participaram dessa pesquisa. Apesar do número reduzido de participantes foi possível ter acesso a informações valiosas. Ficou evidente que presenciar as violências sofridas por suas mães, afeta significativamente a vida das adolescentes. Esta pesquisa iluminou o fato de que as repercussões das violências são múltiplas e impactam várias esferas da vida e da saúde das adolescentes.

Diferenças de classe social, raça, trabalho, cultura na qual a pessoa está inserida, orientação sexual, religiosidade, identidade de gênero, nacionalidade, constituem o processo subjetivo das/os adolescentes. A subjetividade é formada por meio da autoimagem e da construção da identidade nessa fase da vida (Sales, 2014). A construção do processo subjetivo das adolescentes participantes acontece também a partir do relacionamento familiar vivenciado por elas – no contexto da atual pesquisa, relacionamento este transpassado por violências. O Brasil é um país no qual o mito da “não-violência” é ainda presente (Chauí, 2011, p. 354). As violências são tratadas no geral como inverdades ou como um fenômeno superado. O machismo,

racismo, sexismo, as LGBTTT fobias, a intolerância religiosa, e até mesmo a recente xenofobia presente em nosso país, são fenômenos encarado/as como inexistentes ou “frescuras” das pessoas que sofrem e/ou denunciam tais ações.

A Psicologia como ciência, profissão, como contexto de pesquisa e intervenção, precisa continuar a se aproximar destas questões, e buscar entender as violências a partir de sua interferência e impacto na saúde mental dos diversos personagens envolvidos. Personagens estes, reais – mulheres, homens, vítimas, perpetradores e também aquelas/es expostos às violências, todas

elas, pessoas em sofrimento.

Olhares interdisciplinares que agreguem reflexões acerca das interações entre gênero, violências e feminismos, constituem aquisições valiosas para a nossa prática como psicólogas/os, além de informar outros campos do saber. É urgente a compreensão das múltiplas realidades das mulheres que vivem violências. É fundamental poder nomear e compreender o problema, assim como participar da elaboração de políticas públicas e intervenções psicossociais neste cenário. Não podemos esquecer a existência das violências simbólicas. A omissão também é uma forma de manifestar violência(s).

Referências

- Bandeira, L. M. (2014). Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*, 29(2), 449-469. doi.org/10.1590/S0102-69922014000200008.
- Bandeira, L. M. & Thurler, A. L. (2010). A vulnerabilidade da mulher à violência doméstica: aspectos históricos e sociológicos. In F. R. LIMA & C. SANTOS (Coordenadores), *Violência Doméstica – vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal multidisciplinar* (pp. 159-168). Rio de Janeiro: Lumen Juris.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, Ltda.
- Benetti, S. P. C., Pizetta, A., Schwartz, C. B., Hass, R. A. & Melo, V. L. (2010) Problemas de saúde mental na adolescência: características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, 15(3), 321-332. doi.org/10.1590/S1413-82712010000300006.
- Braga, L. L. & Dell’Aglío, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1), 2-14. doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01.
- Cascardi, M. (2016). From violence in the home to psychical dating violence victimization: the mediating role of psychological distress in a prospective study of female adolescents. *Journal Yourth Adolescente*, 45(4), 777-792. doi.org/10.1007/s10964-016-0434-1.

- Chauí, M.. (2011). Ética, violência e política. In M. CHAUÍ, *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas* (340-359). 13. Ed. – São Paulo: Cortez.
- Cunha, M.. P. & Borges, L. M. (2013). Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) na infância e na adolescência e sua relação com a violência familiar. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 33(85), 312-329. Retrieved in May 09, 2017, from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v33n85/a08.pdf>.
- D’Affonseca, S. M. & Williams, L. C. A. (2011). Habilidades maternas de mulheres vítimas da violência doméstica: uma revisão de literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 236-251. doi.org/10.1590/S1414-98932011000200004.
- Diniz, G. R. S. & Angelim, F. P. (2003). Violência doméstica – Por que é tão difícil lidar com ela?. *Revista de Psicologia da UNESP*, 2(1) 20-35.
- Georgsson, A., Almqvist, K. & Broberg, A. (2011). Dissimilarity in vulnerability: self-reported symptoms among children with experiences of intimate partner violence. *Child Psychiatry and Human Development*, 42(5), 539-56. doi.org/10.1007/s10578-011-0231-8.
- Harding, S. G. (1987). *Feminism and methodology*. Indiana University Press, Estados Unidos.
- Jordão, A. B. (2008). Vínculos familiares na adolescência: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. *Aletheia*, 27(1), 157-172. Retrieved in June 24, 2017, from <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n27/n27a12.pdf>.
- Lordello, S. R. M. & Costa, L. F. (2013). A metodologia qualitativa no estudo do abuso sexual intrafamiliar. *Revista Psicologia e Saúde*, 5(2), 127-135.
- Magalhães, J. R. F., Gomes, N. P., Mota, R. S., Campos, L. M., Camargo, C. L. & Andrade, S. R. (2017). Violência intrafamiliar: vivências e percepções de adolescentes. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 21(1), 1-7. doi.org/10.5935/1414-8145.20170003.
- Matos, M. (2008). Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Estudos Feministas*, 16(2), 333-357. doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200003.
- Medeiros, M. N. (2010). *Violência conjugal: repercussões na saúde mental de mulheres e de suas filhas e seus filhos adultos/os jovens*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília – Distrito Federal.
- Miranda, M. P. M., Paula, C. S. & Bordin, I. A. (2010). Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 27(4), 300-308. /doi.org/10.1590/S1020-49892010000400009.
- Mustanoja, S., Luukkonen, A., Kakko, H., Räsänen, P., Säävälä, H. & Riala, K. (2011). Is exposure to domestic violence and violent crime associated with bullying behaviour among underage adolescent psychiatric inpatients?. *Child Psychiatry & Human Development*, 42, 495-506. doi.org/10.1007/s10578-011-0222-9.

- Oliveira, W. A., Silva, J. L., Yoshinaga, A. C. M. & Silva, M. A. I. (2011). Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico-USF*, 20(1), 121-132. Retrieved in June 10, 2017, from <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v20n1/1413-8271-pusf-20-01-00121.pdf>. doi.org/10.1590/1413-82712015200111.
- Rago, M. (1998). Epistemologia feminista, gênero e história. In J. M. Pedro & M. P. Grossi, M. P. (Orgs.) *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade* (21-41). Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Rooke, M. I. & Pereira-Silva, N. L. (2012). Resiliência Familiar e Desenvolvimento Humano: Análise da Produção Científica. *Psicologia em Pesquisa*, 6(02), 179-186. doi.org/10.5327/Z1982-12472012000200011.
- Sales, M. S. (2014). O processo de Constituição da identidade na adolescência: trabalho, classe e gênero. *Psicologia & Sociedade*, 26 (n. spe.), 161-171. doi.org/10.1590/S0102-71822014000500017.
- Santos, A. C. W. & Moré, C. L. O. O. (2011). Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31 (2), 220-235. doi.org/10.1590/S1414-98932011000200003.
- Schiff, M., Plotnikova, M., Dingle, K. D., Williams, G. M., Najman, J. M. & Clavarino, A. M. (2014). Does adolescent's exposure to parental intimate partner conflict and violence predict psychological distress and substance use in young adulthood? A longitudinal study. *Child Abuse & Neglect*, 38(12), 1945-1954. doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.07.001.
- Seron, C., Prette, A. D. & Milani, R. G. (2011). A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 154-164.
- Turner, H. A., Finkelhor, D., Shattuck, A. & Hamby, S. (2013). Recent victimization exposure and suicidal ideation in adolescents. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 166(12), 1149-1154. doi.org/10.1001/archpediatrics.2012.1549.
- Thurler, A. L. (2009). *Em nome da mãe: o não reconhecimento paterno no Brasil*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Wilkinson, S. (1998). Focus groups in feminist research: power, interaction, and the co-construction of meaning. *Women's Studies International Forum*, 21(1), 111-125. doi.org/10.1016/S0277-5395(97)00080-0
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de caso – planejamento e métodos*. Porto Alegre: Artmed Editora S.A / Bookman.

As autoras:

Isadora Oliveira Rocha, mestra em Psicologia Clínica e Cultura, pelo Programa de Psicologia Clínica e Cultura, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília (UnB), 2017. É psicóloga (Bacharelado e Licenciatura), formada na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (2014). Atualmente é Professora no curso de Psicologia na UNA, Catalão - Goiás e Professora Substituta no Curso de Psicologia, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. E-mail: isadora.oliveirarocha@gmail.com

Gláucia Ribeiro Starling Diniz possui graduação em Psicologia (Graus de Bacharel e Psicóloga) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1981); Especialização em Saúde Coletiva pela Escola de Saúde de Minas Gerais/UFGM/FIOCRUZ (1983); Mestrado (1990) e Doutorado (1993) no Marriage And Family Therapy Program - United States International University, hoje Alliant International University, San Diego, California, EUA . Tem experiência em Psicologia Clínica, com ênfase em Psicologia Conjugal e Familiar, Psicologia do Gênero, e implantação de serviços e projetos no campo da Saúde Mental. É Professora Adjunto da Universidade de Brasília, lotada no Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG PsiCC/PCL/IP/UnB. Desenvolve projetos de pesquisa sobre a interação gênero, casamento e trabalho; gênero, violência conjugal e intrafamiliar; gênero e saúde mental. Coordenadora do NEGENPSIC - Núcleo de Estudos de Gênero e Psicologia Clínica do Laboratório de Saúde Mental e Cultura. Membro do NEPEM - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres. Coordenadora Clínica do Projeto de Extensão e Ação Contínua: Maria da Penha - Atenção e Proteção à Mulheres em Situação de Violência Doméstica e Familiar - projeto desenvolvido no NPJ/UnB na Ceilândia que visa promover diálogo interdisciplinar entre alunos dos Cursos de Direito e de Psicologia no atendimento conjunto a mulheres em situação de violência (desde 2008) . Membro do NEPEM - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, CEAM/UnB. E-mail: glauciadiniz13@gmail.com

Recebido em: 27/08/2018.

Aprovado em: 30/12/2019